

Proposta de tradução do conto “Il pigiama del moralista”, de Amalia Guglielminetti

Ana Maria Chiarini

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
anachiarini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0622-5385>

Maria Luiza Gomes de Faria

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
dfaria.malu@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7742-5600>

A recuperação de autoras ignoradas, segundo Olga Castro (2017), é um dos horizontes abertos pela interação entre os Estudos da Tradução e os feminismos, mobilizando esforços, que, no limite, apostam na reformulação do cânone literário. É no âmbito desses esforços, aos quais várias tradutoras têm se dedicado já há décadas, que situamos nossa proposta de tradução de um conto de Amalia Guglielminetti. Assim como outras escritoras italianas do final do século XIX e início do século XX, numa recorrência viciosamente marcada pelo gênero, Guglielminetti alcançou sucesso de público e reconhecimento significativo da crítica, mas desapareceu das livrarias depois de sua morte.

Retratada pelo amigo Mario Reviglione, em 1910, a autora se mostra elegante e longilínea, recostada em um sofá, com as pernas cruzadas e o olhar penetrante, como uma figura da *art déco*. Visto que manipulava as informações de seus dados biográficos, inclusive em documentos oficiais, é provável que, na época, tivesse 29 anos, ou talvez menos de 22. Porém é fato que, nascida em família da burguesia industrial de Turim, a essa altura, havia lançado dois volumes de poesia e um de contos, muito bem recebidos por escritores da relevância de Gabriele D'Annunzio e de críticos renomados, com resenhas elogiosas na imprensa. Posteriormente, obras em prosa e verso foram publicadas por editoras de prestígio, o que também atesta a construção de um percurso literário bastante sólido até a década de 30, quando, por fim, sentiu o peso de situações polêmicas, ou destrutivas, em que se envolvera.

Guglielminetti foi múltipla e ativa: escreveu poemas, contos, textos infantis, peças teatrais e dois romances, colaborou com diversos periódicos e, a partir de 1926, dirigiu a própria revista quinzenal, *Le Seduzioni* ('As Seduções'), em que publicou contos, anedotas sobre a cena literária, notas culturais variadas, e recebeu contribuições de amigas e amigos literatos da Itália e da França para seus 39 números. Aliás, sentia-se orgulhosíssima dessa atividade e afirmava que, para uma mulher, fundar uma revista era sucesso maior do que se casar. Contudo, embora tenha se dedicado à escrita como profissão por quase quatro décadas, só no início do século XX passou a obter alguma atenção da academia, sendo antes comumente citada pelo relacionamento com o poeta Guido Gozzano (este sim presente nas antologias escolares ita-



lianas) e pela edição da correspondência epistolar entabulada com ele. *Lettere d'amore* ('Cartas de amor') – título, para dizer o mínimo, bem parcial –, de 1951, ou seja, dez anos após a morte da escritora, reflete e sela o modo como foi por muito tempo lembrada.

O pesquisador Alessandro Ferraro traça com esmero a trajetória dessa lembrança/esquecimento em trabalho recente sobre Amalia Guglielminetti (Ferraro, 2022), mas já havia apontado uma particularidade legada pela, inicialmente, poeta à prosadora: um senso de dever em relação à forma, um compromisso em “permanecer fiel a certas definições clássicas para levar adiante um discurso, por sua vez, moderno e minirrevolucionário” (Ferraro, 2014, p. 23, tradução nossa).¹ Em outras palavras, o rigor formal da tradição, associado à inquietude, à sensualidade e ao gosto pela provocação, marcam Guglielminetti desde o segundo volume de versos, *Le vergini folli* ('As virgens loucas'). Curiosamente, o processo movido pelo procurador do rei por ultraje ao pudor, em 1928, contribuiu para tornar ainda mais notório o caráter ousado de sua escrita precisa: a questão judicial, implicando o romance *La rivincita del maschio* ('A vingança do homem') – e, sobretudo, a relação lésbica entre a protagonista e uma amiga –, rendeu publicidade para a escritora e seu editor, afinal, absolvidos.

São inúmeras as mulheres – um “carrossel de imagens femininas, por vezes, contraditórias” (Arriaga Flórez; Cerrato, 2021, p. 62, tradução nossa)² – que movem a inteira produção guglielminettiana. Toda uma gama, de “virgens loucas” até *femmes fatales*, em alta no imaginário poético decadente, povoa seus títulos, e é a essa última espécie de sedutoras luxuriosas, eventualmente pérfidas, que vários críticos associam a própria Guglielminetti. As duas personagens femininas do conto traduzido apresentam óbvias semelhanças com a categoria: uma é casada, outra não, ambas são sexualmente livres, traço comum a muitas de suas heroínas. A trama se desenrola como se o contexto não fosse a retrógrada Itália do início do século XX, onde um movimento atuante se empenhava pelos direitos políticos das mulheres; aliás, movimento em que a autora nunca se engajou. Como bem observa Arriaga Flórez (2018), suas personagens parecem já ter conquistado a igualdade civil.

“Il pigiama del moralista” é o primeiro dos dez contos reunidos na antologia de mesmo título, publicada em 1927. Em tom leve e bem-humorado, a narrativa centra o alvo crítico na moral burguesa, personificada pelo empresário de depiladores Gastone Ferraro, do qual escarnecem a amante ocasional, Elena Rasi, e a esposa, Anna Maria, cada uma a seu modo, sem rivalidade. A esposa pede auxílio ao primo genial, Tullio Mei, personagem masculino intelectualmente superior, a fim de concretizar seu estratagema e tirar vantagem para o próprio prestígio no jogo social. Vale notar que a aristocrata Guglielminetti não propõe aqui nenhum abalo à ordem capitalista, nem ao patriarcado, apenas se diverte, mas ataca com argúcia o falso moralismo vigente. Nossa proposta como tradutoras, além de priorizar um trabalho que abre frestas na historiografia hegemônica e explicita o apagamento de presenças femininas, foi garantir o mesmo divertimento que intuímos ter experimentado a autora com este texto rápido e desprezioso. Para garantir o tom sarcástico dos diálogos e da voz narrativa, agregamos poucas conjunções e interjeições, visando a um pouco mais de fluidez na leitura.

¹ “rimanere fedele a certe definizioni classiche per portar avanti un discorso invece moderno e mini-rivoluzionario”.

² “carrusel de imágenes femeninas, a veces contradictorias”.

O pijama do moralista

O título já deixa supor de modo suficientemente claro, seria, portanto, inútil escondê-lo: o senhor Gastone Ferraro, proprietário de tantos títulos de renda quanto lhe bastam para viver fingindo trabalhar, coberto de honrarias e respeitabilidade, moralista admirado por sua coragem puritana e venerado pela imponência das contribuições aos bons costumes por meio de seus comitês e iniciativas, possuía uma característica secreta, mas muito acentuada. Melhor dizendo, tinha um fraco por mulheres bonitas.

Um dia tal propensão atormentara a sua consciência moralista. Mas depois, devagar, conformou-se. Ponderou que sua atividade pública trazia tanta vantagem aos bons costumes de modo a compensar amplamente os danos que aos mesmos bons costumes a sua atividade privada produzia.

“Um cleptomaníaco que rouba mil liras ao ano e doa à caridade cem mil liras ainda tem um crédito com a sociedade de noventa e nove mil liras. No meu caso, verifica-se algo muito análogo. Por meio de meus comitês, reconduzo à virtude ao menos duzentas mil pessoas ao ano. Agora diante de uma cifra assim admiravelmente impressionante, o que significam as três elegantes e consencientes vítimas que abato por semana com minhas aventuras galantes? Cento e cinquenta e nove ao ano... Mas será que fiz a conta certa?”, ele pensava.

Não. Evidentemente Gastone Ferraro não tinha feito a conta certa. Três vezes cinquenta e dois não são cento e cinquenta e nove. Mas Gastone Ferraro não tinha cometido tal erro por ignorância. Havia uma razão mais séria.

Enquanto fazia esses cálculos, abandonava-se recostado em uma cabine de primeira classe. À sua frente sentava-se uma elegante senhora. E ele demorava o olhar examinando os seus membros inferiores.

É fato. As aventuras de viagem são algo um pouco banal. A um homem qualquer não poderiam ser perdoadas. Mas a um moralista, assim como a Giacomo Casanova, por que não?

Os membros inferiores da elegante senhora eram dotados de todos os requisitos exigidos pela anatomia aplicada à estética e à coqueteria feminina. Aracnídeas meias de seda davam ainda maior destaque a tamanha perfeição tentadora.

Tentem perscrutar a alma de uma bela senhora. É fácil constatar que ela não se apercebe. Mas se lhe perscrutarem as pernas ou os braços, o colo ou sua gola de pele, a questão muda de figura. Esteja ela adormecida ou desmaiada, cloroformizada ou hipnotizada, terá imediato pressentimento, a mais exata sensação.

Pois logo a elegante senhora reagiu com um sorriso que iluminou suas amáveis feições.

— Senhora, alegrou-se com alguma lembrança sedutora? — ousou perguntar Gastone Ferraro.

— Oh, não.

— E então por que sorri?

— Porque o senhor me dissecava com o olhar.

— Sente-se lisonjeada?

— Não, só me divirto.

— Senhora, não a compreendo!

— E eu prontamente me explico. Sua admiração galante me diverte, porque eu o conheço.

— Impossível!

— No entanto é assim. Li seu nome embaixo de uma fotografia, rodeada de lírios, publicada na revista *O Estandarte do Exército pela Defesa da Moral e dos Bons Costumes*.

Depois de cento e vinte segundos de perplexidade, Gastone Ferraro recuperou o domínio de si e o uso da fala:

— Pois bem, e o que importa se a senhora sabe quem eu sou?

— Deveria importar ao senhor, pois sinto asco ao simples pensamento de ser cortejada por um moralista hipócrita.

Gastone Ferraro sorriu com a serena expressão do homem justo protegido sob o manto da pureza e disse em tom tão dócil quanto altivo:

— Ai de mim! Os efeitos da corrupção perturbam toda ação do juízo. A senhora é vítima de um grave equívoco. Explico-me...

— Explique-se, Sr. Ferraro!

— A senhora interpretou mal meus olhares. Julgou que fossem expressão de um desejo impuro, enquanto eram fruto de uma necessidade profissional.

— A sua profissão de moralista consiste, talvez, em estudar as pernas de belas damas?

— A minha profissão de moralista, não. Mas a minha profissão de comerciante, sim.

— O senhor atua no tráfico de mulheres, por acaso?

— Deixe-me falar, senhora, e verá como são injustos os seus sarcasmos. Há de se sentir até agradecida. Pois bem, durante a sua vida, deve ter sentido a necessidade de recorrer a barbeadores. E eles a decepcionaram, não? Sim, compreendo. De fato, agora os deixou de lado. É o que suas pernas me dizem. Elas estão revestidas por uma penugem densa demais para ser estética. Entretanto, a senhora não sabe como se livrar dela, pela simples razão de não conhecer ainda um produto lançado no mercado pela empresa da qual sou representante.

— O senhor, Gastone Ferraro, um representante comercial?! Mas todos sabem que o senhor é milionário.

— Calúnia! Difamação! Contra os benfeitores da humanidade o vulgo lança as mais sórdidas acusações. Contra mim atiraram essa invenção que causa a desconfiança dos pobres, as investidas dos amigos e a perseguição dos agentes fiscais. Mas a verdade é que eu ganho o pão com o meu suor.

— Vendendo barbeadores?...

— Barbeadores, não. Vendo um tipo de depilador excepcional. O barbeador, até agora, foi a tragédia de todas as famílias. O chefe da casa perde a razão porque não se consegue barbear a contento, porque a esposa cega o fio das lâminas para apontar lápis, porque o filho adolescente desfigura o rosto com cicatrizes ao se barbear. Pois bem, a minha empresa inventou um depilador que serve ao chefe da casa, é adequado para apontar lápis, aparar saltos de borracha e, sobretudo, mostra-se insuperável em remover com suavidade aveludada a penugem dos membros inferiores das senhoras.

— Uma invenção admirável!

— Precisamente. Em cinco minutos, por exemplo, as suas adoráveis pernas ficariam perfeitas.

— E o senhor tem um dos seus depiladores na mala?

— Sim.

— Pois opere imediatamente o milagre!

Gastone Ferraro assumiu então o aspecto escandalizado que mais condizia com sua personalidade de moralista.

— Mas a senhora acredita que eu...

— O senhor é de um egoísmo atroz! Tem o meio para lapidar minha beleza e recusa-se a colocá-lo à minha disposição. Seu modo de agir é imoral!

— Seja razoável, senhora! Eu não posso realizar um experimento demonstrativo aqui, no trem, sob o risco de que os olhares dos cobradores, dos viajantes, dos importunos nos alcancem. Haveria quem, talvez, interpretando os fatos com pérfida malícia, ousasse tecer comentários. Mas assim que chegarmos a Milão, se tiver a bondade de me seguir, vou acompanhá-la ao Departamento Demonstrativo Experimental de minha empresa, onde eu mesmo hei de convencê-la da perfeição do meu depilador patenteado.

Seria injusto à intuição dos leitores explicar que o Departamento Demonstrativo Experimental da empresa imaginária não era outro senão a convidativa *garçonnière* de Gastone Ferraro.

“Uma *garçonnière* decorada com ótimo gosto. De resto, também ele é agradável. Devo reconhecer que um moralista é sempre uma pessoa superior!”, ponderou consigo mesma Elena Rasi, a elegante senhora, ao sair da *garçonnière*.

É coisa sábia sempre registrar as opiniões das pessoas entendidas.

Transcorridos seis meses do dia em que se desenrolaram esses acontecimentos, Elena Rasi encontrava-se novamente de passagem por Milão, sobrevivente de mais uma aventura de viagem. Mas, desta vez, tratava-se de aventura banal e aborrecida: no trem, uma dama de óculos e aspecto severo tinha-lhe roubado a bolsa. O incidente a aborreceu unicamente porque na bolsa havia um refinado batom parisiense. Assim, mal chegando a Milão, subiu em um táxi e dirigiu-se a uma perfumaria.

Sem bizarros encontros fortuitos, não existiriam aventuras excepcionais. Portanto, é necessário considerar legítimo o encontro fortuito vivido por Elena Rasi ao atravessar a porta da perfumaria.

Eis que uma senhora toda envolta num casaco de pele perguntava por um barbeador. Elena surpreendeu-se com a voz e com a pergunta. Especialmente com a voz: aquela de uma caríssima amiga que perdera de vista há muitos anos.

— Anna Maria!

— Elena!

— Você aqui!

— Eu mesma.

— Que novidades me conta?

— Bem, tive muitos casos, agora tenho um automóvel, uma linda casa e estou procurando um depilador. Ah, sim, também sou casada. Mas não me pergunte sobre meu marido: não, não o detesto, gosto dele, o traio, mas é um homem sem importância. E você?

Elena Rasi contou à amiga sobre suas questões pessoais, dizendo-lhe coisas que não nos concernem. Depois lhe deu um conselho: não comprar barbeadores.

— Faça uso de um depilador. Você ficará encantada.

— Mas é uma tortura!

— De modo algum, quando podemos dispor de um barbeiro hábil e cuidadoso. Eu tive como mestre alguém ainda melhor: um barbeiro galante que...

E com muito pudor Elena Rasi evocou a viagem a Citera no barco pilotado pelo senhor moralista, falso mercador viajante e autêntico insidiador de hesitantes virtudes. E concluindo, indagou:

— Não lhe parece interessante?

— Mais do que você possa imaginar — comentou um tanto irônica Anna Maria.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que se o duelo entre mulheres fosse um costume generalizado nós deveríamos começar a contar os passos. O meu nome de casada é Anna Maria Ferraro!

— Oh! Sinto-me profundamente consternada em ter contribuído para o ornamento que carrega na testa, querida amiga — exclamou Elena em um tom de sinceridade tão sentida que Anna Maria se comoveu.

Estendendo a mão para Elena, a amiga sussurrou:

— Obrigada!

Caso o marido estivesse presente, certamente teria comentado com uma frase de perfeito moralista:

— É fato irrefutável que a verdadeira amizade se reconhece na desventura!

Em todas as reviravoltas decisivas de sua vida, Anna Maria Ferraro guardou feito tesouro os conselhos de seu primo genial, Tullio Mei, especialista em matérias químicas, proprietário de uma fábrica de especialidades farmacêuticas, dançarino amador de charleston e conhecedor da alma humana. Entre os muitos motivos porque Anna Maria devia a ele um reconhecimento inolvidável, destacava-se este: aos dezessete anos, perguntou ao primo, em segredo, se lhe convinha mais continuar indefinidamente como uma senhora virtuosa ou se devia seguir outro caminho. E ele, com admirável prontidão e firmeza, sem perder um minuto, a guiou para o outro caminho.

Agora, tendo escutado com atenção as confidências de Anna Maria, o primo genial respondeu:

— Mas então é mesmo um traidor aquele animal do seu marido?

— Você se surpreende com essa triste realidade, não?

— Não é que me surpreenda a traição, mas que você tenha demorado tanto a descobrir.

— O que quer que eu lhe diga? Os moralistas, ainda quando não são castos, são, ao menos, cautos.

— Tem razão. Mas de mim, cara prima, o que deseja?

— Um bom conselho.

— Claro, mas a questão é grave... — E depois de uma breve pausa, acrescentou: — Volte em quatro dias.

Anna Maria já se habituara às bizarrices dos ensinamentos do primo genial, contudo, quatro dias depois, ainda se espantou com a conversa que tiveram.

— Incite-o à traição e dê-lhe de presente este pijama. Algo acontecerá, esteja certa — disse sinteticamente seu conselheiro particular.

— Por quê? A que servirá?

— As mulheres não precisam se interessar pelas causas dos fenômenos — respondeu o primo genial, dando-lhe um longo beijo na boca rubra.

Nos três primeiros minutos que lhe foram indispensáveis para retribuir meticulosamente o beijo, ela esqueceu qualquer pergunta ou explicação. E uma hora depois saiu do escritório do primo genial toda confiante e satisfeita.

Nessa mesma noite, Anna Maria proferiu ao marido um hábil discurso sobre a estética das vestimentas:

— Você é um moralista e eu o admiro. A simplicidade dos trajés é fundamental para você, eu reconheço. Mas quando insiste em usar hoje, no ano da graça de 1930, essas pavorosas e insuportáveis camisolas que se usavam há mais de vinte anos, você está errado. Um homem de pijama impressiona duas vezes mais...

— Mas o que você, mulher fiel, sabe da impressão que causam os homens de pijama?

— Não se lembra de que vimos juntos Lloyd Harold representar uma inteira cena em tal vestimenta?

— Ah, como é imoral o cinematógrafo!

— Vamos, não divague e escute-me. Você deveria experimentar um pijama.

— Quando?

— Esta noite mesmo.

— E onde vou arrumar um pijama?

— Já o comprei.

— Bem, se você se importa tanto, eu me conformo.

O pijama dado pelo primo genial era de uma requintada elegância parisiense. Num relance, Gastone Ferraro percebeu que superava em graciosa beleza todos os exemplares da coleção que ele reunira em sua *garçonnière*.

Vestiu a peça, olhou-se no espelho, admirou-se, alegrou-se.

— Assenta-me muito bem.

E concluiu que com um pijama como aquele poderia fazer uma declaração de amor a Lulù Monesprit, *soubrette*³ adorável, seu deleite e tormento há quinze dias.

Tirou logo o pijama e dobrou-o com cuidado para não amarrotar, depois disse:

— Para inaugurar uma peça tão frívola, necessito de vinte e quatro horas de recolhimento espiritual. Hei de inaugurá-lo amanhã, durante a viagem, se minha consciência assim julgar aceitável.

— Vai viajar?

— Sim, tenho de ir a Veneza para dar uma conferência sobre a urgência de moralizar os cartões-postais.

Naturalmente, Lulù Monesprit, *soubrette* deslumbrante, estava em Veneza em uma *tourné*.

Às duas da madrugada, os hóspedes dos quartos do primeiro andar do Grand Hôtel Danieli de Veneza foram acordados por gritos lancinantes.

Os gritos provinham do quarto número 13, ocupado por Lulù Monesprit, *soubrette* adorável, e por Gastone Ferraro, moralista ilibado.

Alvorço, agitação, acorrer dos empregados e curiosos sonolentos. Aos gritos, em pé no meio do quarto, Gastone Ferraro vestido somente com o pijama dado pela esposa.

Ele era torturado por sofrimentos indefiníveis que se multiplicavam a cada mínimo movimento muscular.

— Será lombalgia? Nefrite? Reumatismo? — ele se perguntava nos intervalos das frequentes e violentas crises de dor que o forçavam a gritar.

³ Jovem atriz de ópera ou teatro de revista.

Mas Gastone Ferraro não podia intuir a verdade, que consistia em um truque químico farmacêutico inventado pelo primo genial de Anna Maria. Ele havia encontrado a fórmula de um fino pó à base de extrato de urtiga e de cal viva capaz de provocar terríveis espasmos quando em contato prolongado com a epiderme. O pijama de seda havia sido impregnado com a substância.

Naquela noite, no Grand Hôtel Danieli de Veneza, o divertido escândalo explodiu. Gastone Ferraro foi reconhecido. Um repórter fotografou-o de pijama, com um *flash* de magnésio, e todos os jornais publicaram o retrato, sublinhado por um jocoso comentário.

Assim, graças ao estratagema do primo genial, Anna Maria pôde revelar às amigas, aos amigos, aos parentes e conhecidos que ela tinha como marido não um estúpido moralista, mas um audacioso Don Juan.

Referências

ARRIAGA FLÓREZ, Mercedes. Introducción. In: GUGLIELMINETTI, Amalia. *Las vírgenes locas*. Introducción, edición crítica y traducción de Mercedes Arriaga Flórez. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018. p. 15-59. Disponível em: <https://eusal.es/eusal/catalog/book/978-84-1311-188-9>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ARRIAGA FLÓREZ, Mercedes; CERRATO, Daniele. “Las mujeres flor” y otras metamorfosis modernistas en *Le vergini folli* de Amalia Guglielminetti. *Segni e comprensione*, v. XXXV, n. 100, p. 62-78, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1285/i18285368aXXXVn100p62>. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/segnicompr/article/view/24389>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. *Tradterm*, v. 29, p. 216-250, jul. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FERRARO, Alessandro. La corsa del levriero: Amalia Guglielminetti nel Novecento italiano. In: GUGLIELMINETTI, Amalia. *La rivincita del maschio*. Genova: Sagep Editori, 2014. p. 7-46.

FERRARO, Alessandro. *Singolare femminile*. Amalia Guglielminetti nel Novecento italiano. Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2022.

GUGLIELMINETTI, Amalia. Il pigiama del moralista. In: GUGLIELMINETTI, Amalia. *Il pigiama del moralista*. Roma: Fauno, 1927. p. 6-17. Disponível em: <https://liberliber.it/autori/autori-g/amalia-guglielminetti/il-pigiama-del-moralista/>. Acesso em: 25 abr. 2024.